

Filosofia e literatura: a alternativa estética ao pessimismo cético de Machado de Assis nas Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Philosophy and literature: the aesthetic alternative to Machado de Assis' skeptical pessimism on The Posthumous Memoirs of Brás Cubas

Daniel Ribeiro de Almeida Chacon^{**}

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em analisar os aspectos fundamentais da contemplação estética como alternativa ao drama da existência humana, na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. Com efeito, o referido autor destacou, por meio de um pessimismo cético, os sofrimentos a que os homens estão acometidos. Impossibilitados de transcender as dores deste mundo, a não ser por breves instantes de contato com a beleza enigmática e pueril da miséria, os homens encontram na contemplação estética da realidade uma espécie de resposta. Ora, diante da debilidade moral humana e da penúria própria da existência, resultaria para o homem apenas a possibilidade de uma contemplação estética da bela forma da miséria via uma profunda melancolia.

* Artigo enviado em 23/10/2015 e aprovado para publicação em 23/05/2016.

** Mestrando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (bolsista pela CAPES); Especialista em Ciências da Religião e em Educação (Inspeção Escolar e Supervisão Escolar) e Licenciado em Pedagogia, ambos pela Faculdade de Educação e Tecnologia - Fetremis; Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília; Bacharelado em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (FATE-BH). Email: dan.chacon@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Contemplação Estética; Pessimismo Cético; Machado de Assis; Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Abstract

This article purposes to analyze the fundamentals aspects of aesthetic contemplation as a alternative to human existence drama presents on the Machado de Assis' work The Posthumous Memoirs of Brás Cubas. Indeed, the mentioned author detached, through a skeptical pessimism, the suffering with men are submitted to. Unable to transcend all the pains of this world, unless a few moments of contact with the enigmatic beauty and miseries childish, the men find on the aesthetic contemplation of the reality one kind of answer. Now, against the human moral weakness and existence's shortage, it would remain to men just the possibility of miseries beautifully aesthetic contemplation by way of a deep melancholy.

Keywords: Aesthetic Contemplation; Skeptical Pessimism; Machado de Assis; The Posthumous Memoirs of Brás Cubas.

Introdução

No campo dos estudos literários brasileiros contemporâneos, o ceticismo é um dilema em voga. Entre os literatos aclamados como céticos, Machado de Assis é, certamente, um referencial clássico. Ainda que ele não se encontre no rol dos considerados, ao menos no sentido estrito, como filósofos por excelência, a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é, fundamentalmente, permeada por uma interpretação filosófica de cunho pessimista e cética do drama da própria existência.

Com efeito, o presente artigo visa discutir os aspectos basilares da contemplação estética como escape para o desespero em virtude dos absurdo da vida humana. Com maestria, Machado descreve a existência em uma espécie de paradoxo enleado ao reconhecimento absoluto da frivolidade e da pobreza humana e de sua beleza pitoresca.

Diante, então, de uma existência pessimista e cética, Machado de Assis compreendeu que restou ao homem apenas a contemplação estética do absurdo da vida, isto é: da moralidade, das ingênuas pretensões metafísicas e da própria miséria insta na humanidade.

O ceticismo pessimista e a contemplação estética

[...] ao chegar a este lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria¹.

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é profundamente marcada por um pessimismo cético da realidade. Escrito com “a pena da galhofa e com tinta de melancolia”² o romance possui inegáveis “rbugens de pessimismo”³. Ora, é justamente o pessimismo machadiano quanto à vida humana que o conduzirá a concepção cética⁴ da realidade.

Conforme Maia Neto, o protagonista Brás Cubas era “um cético que não pode viver o seu ceticismo”⁵. Ainda em vida, este era um homem frívolo que pertencia à elite carioca do século XIX. Sendo descrito, inicialmente, como um personagem ingênuo, Brás Cubas rompe com esta representação ao adotar uma postura estratégica a fim de vivenciar a dimensão do *divertissement* pascaliano, isto é, da fuga do homem em refletir sobre a penúria de sua própria condição humana.

No apogeu de sua maturidade, Brás Cubas é apresentado à filosofia humanitista por seu colega de infância Quincas Borba. Um misto caricatural do positivismo, darwinismo e de quaisquer tendências filosóficas que promovessem o absurdo da divinização da humanidade, a metafísica humanitista foi acolhida por Brás Cubas como uma alternativa razoável para solucionar os problemas da vida ordinária⁶.

Contudo, a solução humanitista foi posteriormente descartada. A loucura que assolou seu autor, o “sabedor” Quincas Borba, foi suficiente para desacreditar a doutrina. Com efeito, a desvalorização desta posição metafísica resultou na confirmação do pessimismo cético que perpassa toda a obra⁷.

Brás Cubas, após sua morte, decide narrar os eventos que marcaram sua vida fútil e miserável. A dedicatória ao “verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver” instaura a transição entre a existência humana e o “não ser coisa alguma”. Este “não ser coisa alguma” e, portanto, não estar situado no tempo e espaço, confere a Brás um importante estatuto:

¹ MACHADO DE ASSIS, 1971, p. 173.

² *Ibidem*, p.11.

³ *Ibidem*.

⁴ Quanto à natureza do ceticismo machadiano, o presente artigo adota a proposta de Margutti Pinto, que destaca a influência da visão de mundo pessimista do catolicismo barroco do Período Colonial, cuja origem remontaria Francisco Sanchez, e seria matizada por Erasmo de Roterdã e pela literatura canônica de *Eclesiastes* (Cf. MARGUTTI PINTO, 2007, p.183 -212).

⁵ MAIA NETO, 2007, p. 97.

⁶ MARGUTTI PINTO, 2007, p. 188.

⁷ *Ibidem*.

A condição de defunto-autor define a possibilidade da sinceridade na análise e descrição das motivações. Esta sinceridade é fundamental no gênero autobiográfico e condição para a tematização dos motivos viciosos, socialmente não assumidos, que são denunciados por Brás Cubas⁸.

Ora, como é possível ser um defunto-autor? No romance machadiano, apenas o paradoxo do “não ser coisa alguma” que, simultaneamente, é capaz de refletir e escrever “magros capítulos” para este mundo, confere a possibilidade de uma narrativa genuinamente pessimista e cética, isto é, desvinculada dos interesses e das vaidades que perpassam a personalidade de seus personagens.

O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados⁹.

Ao partir deste mundo, Brás Cubas confessa os fracassos e a frivolidade de sua vida. O reconhecimento da vaidade e da miséria da existência humana estabelece o tom do pessimismo machadiano, cuja máxima seria o não viver, em contraposição à vontade universal de viver manifesta na filosofia humanista. Nesse sentido, Machado de Assis evidenciaria a desproporção do ser humano diante da natureza¹⁰.

Um pouco antes de sua morte, Brás Cubas vivencia uma experiência *sui generis*: a lucidez de um “delírio” que desvelaria a real condição humana. Nesse evento, o personagem é, ironicamente, iluminado por um breve lampejo extático que, paradoxalmente, o conduz a uma espécie de emoção estética. A partir da singularidade desta experiência, Brás Cubas atinge uma visão pessimista e cética do mundo¹¹.

Dessa forma, a resposta machadiana ao problema do pessimismo cético é a contemplação estética. A criação literária de suas memórias póstumas seria o escape diante da aporia da condição humana. De fato, é justamente a partir dessa sua resposta à desgraça humana que a literatura machadiana desvela seu pessimismo cético.

⁸ MAIA NETO, 2007, p. 100.

⁹ MACHADO DE ASSIS, 1971, p.54.

¹⁰ Cf. MARTINS, 2010, p. 50.

¹¹ MARGUTTI PINTO, 2007, p. 188.

Nesse viés, são descritos os eventos fundamentais da desvalida existência de Brás Cubas: sua incorrigível infância; suas desventuras amorosas com Marcela; sua viagem e formação acadêmica no continente europeu; o romance adúltero com Vigília, a mulher do político Lobo Naves; o encontro com Quincas Borba e a filosofia humanitista; o desfecho de suas pretensões matrimoniais com Eulália, vulgo “*Nhá Loló*” e a “*ideia fixa*” do emplasto Brás Cubas, remédio esse “capaz de aliviar a melancolia da humanidade”.

Conforme Margutti Pinto, não apenas a vida de Brás Cubas ilustra a precariedade inerente à vida humana, mas também o faz a descrição do itinerário de Quincas Borba. Este seria o paradigma de um homem que se teria perdido no decurso de sua vida ingênua, que culminou no afã de desenvolver um sistema filosófico capaz de dar conta da realidade em sua totalidade¹².

O pessimismo cético de Brás Cubas possui um evidente alcance ético. Embora, seja possível uma avaliação da conduta humana, a incapacidade de agir de maneira virtuosa é uma condição intrínseca à miséria humana¹³. Diante dessa aporia, cabe ao homem apenas a contemplação estética por meio da criação literária.

Em um viés irônico e humorístico, a criação literária irrompe como o único recurso possível ao homem desencantado, que recusa a alternativa religiosa como escape de sua tragédia. Com efeito, Nunes destaca a dimensão irônica e humorística da narrativa machadiana: “afirmar que a razão cética, modalizada ludicamente dentro da compreensão humorística do mundo, é, pelo menos, o foco mais incisivo do pensamento ficcional de Machado de Assis”¹⁴.

O humor subversivo e melancólico do romance machadiano seria um exercício reflexivo de contestação e escárnio às pretensões da filosofia. Nunes ainda reforça a tese de que o humor estaria na base do pensamento ficcional do narrador: “o humor, e o humor transformado em humorismo, como visão compreensiva do mundo”¹⁵. Ou, como disserta Martins: “Trata-se de um humor que promove o riso *da* e *com* a filosofia, revelando-a lúdica por alastrar um riso que incide sobre ideias novas e antigas”¹⁶:

Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem

¹² Ibidem, p. 189.

¹³ Ibidem.

¹⁴ NUNES, 1993, p. 138

¹⁵ Ibidem, p. 131.

¹⁶ Cf. MARTINS, 2010, p. 50.

destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado¹⁷.

A ironia amarga de Machado de Assis expressaria a consternação e o desencanto ante o absurdo da existência. Nesse sentido, Sérgio Buarque de Holanda afirma que o mundo de Machado “não conhece a tragédia”, ou mais especificamente “nele o trágico dissolve-se no absurdo e o ridículo tem gosto amargo”¹⁸, como se constata nesta passagem:

Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas. Tu, minha Eugênia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem [...] O que eu sei é se a tua existência era muito necessária ao século. Quem sabe? Talvez um comparsa de menos fizeste patear a tragédia humana¹⁹

Diante da imperfeição moral humana e da penúria inerente à própria existência, resta para o homem apenas a possibilidade de uma contemplação estética da bela forma da miséria via uma melancolia irônica. Nesse sentido, as pretensões metafísicas e as leituras otimistas do homem são levadas ao absurdo por meio de um humorismo sarcástico.

Machado de Assis destaca de maneira irônica os sofrimentos a que os homens estão acometidos. Impossibilitados de transcender as dores deste mundo, a não ser por breves instantes de contato com a beleza enigmática e pueril da miséria, os homens encontram na contemplação estética da realidade uma espécie de resposta.

A proposta machadiana da estetização do absurdo como resposta ao desespero pessimista e cético assume uma proporção singular. De acordo com Margutti Pinto, Machado de Assis concebe a realidade de maneira enigmática e multifacetada. Por essa razão, a criação literária exigiria uma correspondência tal que seu traço fundamental seria um apelo ao enigma e à polissemia²⁰. Com efeito, suas narrativas possuem certa impenetrabilidade que impossibilitaria uma interpretação exaustiva e,

¹⁷ MACHADO DE ASSIS, 1971, p.19.

¹⁸ HOLANDA, 1978, p. 56-57.

¹⁹ MACHADO DE ASSIS, 1971, p.67.

²⁰ MARGUTTI PINTO, 2007, p. 204

portanto, definitiva. Contudo, independente da leitura realizada da obra, todos os caminhos convergem em direção à visão pessimista e cética da existência humana. Nas palavras de Margutti Pinto: "É como se Machado quisesse mostrar que nossa condição miserável é a mesma e possui uma bela forma sob qualquer leitura possível"²¹.

Conclusão

A despeito do pessimismo cético que perpassa toda a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis apresenta uma alternativa, a saber: a contemplação estética do absurdo da existência como escape da tragédia inerente à própria vida. Sem condições de transpor o absurdo deste mundo, resta aos homens apenas a contemplação estética da realidade como uma espécie de resposta, ainda que este escape se limite aos breves instantes de apreciação da beleza enigmática e pueril da miséria da existência humana.

Referências bibliográficas

HOLANDA, Sérgio Buarque de. A Filosofia de Machado de Assis. In: *Cobra de Vidro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. p.53-58.

NUNES, B. "Machado de Assis e a filosofia". *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim. M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

MAIA NETO, José R. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007.

MARGUTTI PINTO, Paulo. R. "Machado, um brasileiro pirrônico? Um debate com Maia Neto". *Sképsis*, nº 1, 2007, p. 183-226.

²¹ Ibidem, p. 204.